

Relatório Investimentos Trimestral



Apresentação dos cenários macroeconômicos: nacional e internacional

INTRODUÇÃO

Informações sobre o Instituto	3
-------------------------------	---

CENÁRIO MACROECONÔMICO

EUA	5
Europa	10
China	16
Nacional	21

GESTÃO DE INVESTIMENTOS

Comentário da Gestão de Investimentos	26
Informações de Nosso Portfólio	31

INFORMAÇÕES SOBRE O INSTITUTO

Objetivo: Pagar aposentadoria as servidoras e servidores titulares de cargo efetivo do município de Barueri e pensão por morte aos seus dependentes na forma da lei.

Modelo de gestão: Própria com um Comitê de Investimentos deliberativo.

Adesão ao Pró-gestão: Nível III.

Taxa de administração: Uma taxa de até 2,0% sobre a base de contribuições dos servidores ativos.

Meta atuarial para o ano de 2025: IPCA + 5,24% a.a.

Performance do portfolio no ano: IPCA+7,49%.

Patrimônio líquido: R\$4,26Bi

Presidente do Instituto: Weber Seragini

Servidores do IPRESB que compõem a diretoria de Investimentos e atuária:

Eliezer Antônio da Silva - Gestor de Investimentos e Atuária

Rogério da Silva Guedes - Gerente de Investimentos e Atuária

Bruno Paiva de O. P. Silva - Analista previdenciário - Atuário

Eduardo A. C. B. Cordeiro - Analista previdenciário - Economista

Comitê de Investimentos

Eliezer Antônio da Silva - Presidente do Comitê

Diego Stefani – Membro do Comitê

Erick Marinho da Silva - Membro do Comitê

Laís Alencar Bernardes – Membro do Comitê

Raimundo Nonato de Carvalho Jr. – Membro do Comitê

CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL – EUA



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUA

Inflação

No quarto trimestre de 2025, a inflação nos Estados Unidos apresentou um comportamento de relativa estabilidade em níveis moderados, ainda acima da meta de 2% do Federal Reserve, mas com sinais consistentes de desaceleração gradual. A análise conjunta dos três principais indicadores — CPI (índice de preços ao consumidor), PPI (índice de preços ao produtor) e PCE (índice de preços de gastos com consumo pessoal) — revela um quadro de pressões inflacionárias mais contidas, embora heterogêneas entre setores.

Pelo CPI, a inflação cheia manteve-se em 2,7% ao ano em novembro e dezembro, em linha com as expectativas do mercado. A composição mostrou alívio relevante nos preços de energia, com desaceleração da gasolina e do óleo combustível, parcialmente compensada por alta mais intensa do gás natural. Em contrapartida, os preços de alimentos e de habitação aceleraram, mantendo-se como os principais vetores de pressão. O núcleo do CPI, que exclui alimentos e energia, permaneceu em 2,6% ao ano em dezembro, o menor patamar desde 2021, sinalizando moderação das pressões subjacentes. Na variação mensal, o CPI cheio avançou 0,3%, enquanto o núcleo subiu 0,2%.

No âmbito do PPI, os dados do quarto trimestre indicaram volatilidade mensal, mas uma tendência anual ainda controlada. Em setembro, o PPI cheio subiu 0,3% no mês, impulsionado por alimentos e energia, enquanto o núcleo avançou apenas 0,1%. Em novembro, os preços ao produtor aceleraram 0,2% na margem, com forte alta de bens — especialmente energia — e estabilidade nos serviços. Em termos anuais, o PPI cheio alcançou 3,0% e o núcleo também 3,0%, superando ligeiramente as projeções e sugerindo alguma pressão potencial nos custos ao longo da cadeia produtiva, ainda que concentrada em bens.

Já o PCE, métrica preferida do Federal Reserve, mostrou inflação cheia anual em torno de 2,8% entre setembro e novembro, levemente acima do CPI. O núcleo do PCE oscilou entre 2,7% e 2,8%, indicando persistência moderada das pressões de serviços. Na dinâmica mensal, tanto o índice cheio quanto o núcleo avançaram 0,2% a 0,3%, com destaque para a retomada dos preços de bens e para a desaceleração gradual dos serviços.

Em síntese, o quarto trimestre de 2025 confirmou um cenário inflacionário mais equilibrado nos EUA, com núcleos mais comportados, alívio parcial em energia e alguma rigidez em serviços, mantendo o Fed atento à evolução dos preços antes de flexibilizar sua postura monetária.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUA

Juros

No quarto trimestre de 2025, a política monetária dos Estados Unidos entrou em uma fase mais claramente acomodatória, marcada por cortes graduais na taxa básica de juros e por intensos debates dentro do Federal Reserve (Fed). Em outubro, o FOMC reduziu a taxa dos fed funds em 25 pontos-base, para o intervalo de 3,75%–4,00%, em linha com as expectativas do mercado e após um movimento semelhante em setembro. A decisão levou os juros ao menor patamar desde 2022 e refletiu a avaliação de que os riscos para o mercado de trabalho haviam aumentado, apesar de a inflação ainda permanecer acima da meta.

As atas da reunião de outubro evidenciaram forte divergência entre os dirigentes. Embora a maioria considerasse provável a necessidade de novos cortes, alguns membros defenderam cautela, enquanto outros, como o governador Stephen Miran, chegaram a apoiar uma redução mais agressiva de 50 pontos-base. Já em dezembro, o Fed confirmou um novo corte de 25 pontos-base, levando a taxa para 3,5%–3,75%. A decisão foi novamente acompanhada por dissensos, sinalizando um comitê dividido entre o risco de inflação persistente e a desaceleração do mercado de trabalho.

Apesar do ciclo de cortes em 2025, o Fed manteve projeções conservadoras para 2026, indicando apenas mais um ajuste de 25 pontos-base, o que reforça uma postura cautelosa diante do equilíbrio entre crescimento, inflação e emprego.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUA

Bolsas de Valores

No quarto trimestre de 2025, as principais bolsas norte-americanas apresentaram desempenho positivo, sustentadas por resultados corporativos robustos, expectativas de afrouxamento monetário e pelo avanço contínuo do setor de tecnologia. O S&P 500 encerrou 2025 com valorização aproximada de 16%, consolidando um trimestre marcado pela expansão dos lucros pelo décimo período consecutivo. A temporada de balanços do 4T25, iniciada em janeiro de 2026, indicou crescimento do lucro por ação em torno de 8%, com cerca de 79% das empresas superando as expectativas. O setor de tecnologia da informação, impulsionado pela inteligência artificial, foi o principal vetor de alta, apesar das preocupações com avaliações elevadas e concentração setorial.

A Nasdaq, mais exposta às empresas de tecnologia, apresentou desempenho ainda mais expressivo. O Nasdaq 100 acumulou alta superior a 20% em 2025, mantendo-se próximo a máximas históricas no quarto trimestre. O avanço foi liderado pelas grandes empresas de tecnologia e pelo segmento de semicondutores, refletindo a forte demanda por soluções de IA e tecnologia financeira, mesmo em um ambiente de incertezas macroeconômicas.

Já o Dow Jones registrou crescimento mais moderado, porém consistente, com alta anual entre 13% e 15%, encerrando o ano em torno de 48 mil pontos. O índice atingiu novos recordes no trimestre, beneficiado por expectativas de queda dos juros, inflação mais comportada e desempenho positivo de setores defensivos, como saúde e industriais.

PIB

No terceiro trimestre de 2025, o Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos apresentou desempenho robusto, com crescimento anualizado de 4,4%, levemente acima da estimativa inicial de 4,3% e o ritmo mais forte desde o terceiro trimestre de 2023. A revisão refletiu principalmente exportações mais fortes e uma contribuição negativa bem menor dos estoques privados. Pelo lado da demanda, o crescimento foi sustentado pelo consumo das famílias, que avançou 3,5% em termos anualizados, acelerando frente aos 2,5% do trimestre anterior e permanecendo como o principal motor da atividade.

Na comparação interanual, o PIB cresceu 2,3%, acima dos 2,1% estimados anteriormente. Nesse recorte, o consumo das famílias aumentou 2,6%, enquanto o investimento fixo também avançou 2,6%, sinalizando expansão moderada da formação de capital. Os gastos públicos cresceram 1,1%, revertendo parcialmente a fraqueza observada em períodos anteriores. No setor externo, as exportações subiram 1,5%, ao passo que as importações recuaram 1,8%, contribuindo positivamente para o resultado agregado.

A composição do PIB reforça a centralidade do consumo, responsável por cerca de 68% da economia, seguido pelos investimentos privados (16%) e pelos gastos governamentais (18%). Apesar do saldo externo estruturalmente negativo, o terceiro trimestre confirmou um quadro de crescimento sólido e relativamente equilibrado da economia norte-americana.

CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUA

Mercado de Trabalho

No quarto trimestre de 2025, o mercado de trabalho dos Estados Unidos apresentou sinais de arrefecimento gradual, ainda que mantendo níveis historicamente compatíveis com uma economia próxima do pleno emprego. A taxa de emprego seguiu trajetória levemente ascendente ao final do período, alcançando 59,7% em dezembro, acima dos 59,6% observados em novembro, situando-se também acima da média histórica de longo prazo, estimada em 59,26%.

A taxa de desemprego mostrou tendência de alta ao longo do trimestre, refletindo um ajuste no balanço entre oferta e demanda por trabalho. Em setembro, o indicador subiu para 4,4%, superando as expectativas de mercado e alcançando o maior nível desde 2021, impulsionado pelo aumento expressivo da força de trabalho. Em novembro, o desemprego avançou para 4,6%, o patamar mais elevado desde setembro de 2021, com estabilidade no número de ocupados e desempregados, sinalizando desaceleração na geração líquida de vagas. Já em dezembro, houve leve recuo para 4,4%, com redução do contingente de desempregados e aumento do número de pessoas empregadas, indicando alguma recomposição do mercado ao fim do ano.

A taxa de participação da força de trabalho permaneceu relativamente estável, oscilando entre 62,4% e 62,5%, o que sugere manutenção do engajamento da população em idade ativa. Por sua vez, a taxa de desemprego ampliada (U-6), que inclui trabalhadores desalentados e subocupados, apresentou elevação em novembro, refletindo aumento do trabalho em tempo parcial involuntário, mas voltou a recuar em dezembro, apontando redução da ociosidade mais ampla.

Em síntese, o quarto trimestre de 2025 foi marcado por um mercado de trabalho ainda resiliente, porém em processo de normalização, com aumento moderado do desemprego e sinais mistos quanto à qualidade da ocupação.



Vista panorâmica do Centennial Olympic Park e do horizonte de Atlanta, Geórgia, EUA

CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL EUROPA



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

Inflação

No quarto trimestre de 2025, a inflação na Zona do Euro apresentou trajetória de desaceleração gradual, aproximando-se e, posteriormente, ficando ligeiramente abaixo da meta de 2% do Banco Central Europeu (BCE). Em outubro, a inflação anual manteve-se em 2,1%, refletindo principalmente a desaceleração dos preços de alimentos, álcool e tabaco, bem como uma queda mais acentuada dos custos de energia. Em contrapartida, a inflação de serviços continuou a acelerar, alcançando 3,4%, o nível mais elevado desde abril, evidenciando pressões persistentes no setor mais sensível ao mercado de trabalho.

Em novembro, a inflação voltou a subir marginalmente para 2,2% na leitura preliminar, mas foi posteriormente revisada para 2,1%, confirmando um quadro de estabilidade. A composição mostrou energia ainda em terreno negativo, bens industriais não energéticos com inflação baixa e serviços avançando para 3,5%. As economias centrais apresentaram comportamentos heterogêneos: enquanto Alemanha registrou aceleração acima da meta, França e Itália permaneceram com inflação significativamente mais baixa.

Em dezembro, o processo desinflacionário ganhou força. A inflação recuou para 2,0% na estimativa inicial e foi revisada para 1,9%, marcando a primeira leitura abaixo da meta do BCE desde maio. A queda foi impulsionada sobretudo pelo recuo expressivo dos preços de energia, enquanto a inflação subjacente caiu para 2,3%, o menor nível em quatro meses. Esse cenário reforçou as expectativas de manutenção das taxas de juros em níveis estáveis por um período prolongado.

No Reino Unido, a inflação também apresentou alívio ao longo do trimestre, embora permanecendo bem acima da meta de 2% do Banco da Inglaterra (BoE). Em outubro, o índice caiu para 3,6%, beneficiado pela redução nos custos de energia residencial após ajustes no teto tarifário. Em novembro, a inflação desacelerou de forma mais pronunciada para 3,2%, com destaque para a moderação dos preços de alimentos e bebidas não alcoólicas, além de queda mensal do CPI.

Contudo, em dezembro, a inflação britânica voltou a subir para 3,4%, impulsionada por aumentos em álcool e tabaco, transporte e alimentos. A inflação de serviços manteve-se elevada, em torno de 4,5%, sinalizando pressões domésticas ainda relevantes. Apesar dessa aceleração pontual, o núcleo da inflação permaneceu estável, sugerindo que o avanço no fim do ano tende a ser temporário, embora ainda represente um desafio para a condução da política monetária do BoE.



Porto de Antuérpia - Bélgica

CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

Juros

No quarto trimestre de 2025, a política monetária na Zona do Euro caracterizou-se por estabilidade e cautela. O Banco Central Europeu (BCE) manteve as taxas de juros inalteradas ao longo de todo o período, deixando a taxa de refinanciamento principal em 2,15% e a taxa da facilidade de depósito em 2,0%. Em outubro, o Conselho do BCE sinalizou confiança na resiliência da economia do bloco e na convergência da inflação para a meta de 2% no médio prazo. A combinação de um mercado de trabalho robusto, balanços privados sólidos e os efeitos acumulados de cortes anteriores sustentou o crescimento, apesar de um ambiente externo marcado por tensões geopolíticas e disputas comerciais.

As atas da reunião de outubro reforçaram a percepção de que a política monetária se encontra “em um bom lugar”. Parte dos dirigentes chegou a indicar que o ciclo de afrouxamento pode já ter sido concluído, desde que o cenário macroeconômico permaneça favorável. Ainda assim, o BCE reiterou sua abordagem dependente de dados, evitando qualquer compromisso prévio com futuros movimentos.

Em dezembro, o BCE manteve os juros pela quarta reunião consecutiva. A presidente Christine Lagarde enfatizou a ausência de discussões sobre cortes ou altas e destacou a elevada incerteza como um fator que limita a orientação futura. As novas projeções apontaram revisões positivas para o crescimento e inflação próxima da meta ao longo dos próximos anos, reduzindo a urgência de ajustes adicionais. O mercado, contudo, passou a atribuir alguma probabilidade a uma alta apenas no horizonte de 2026.

No Reino Unido, o Banco da Inglaterra (BoE) adotou uma postura mais dinâmica. Em novembro, o Comitê de Política Monetária manteve a taxa básica em 4%, em decisão apertada, refletindo o avanço do processo desinflacionário e sinais de fraqueza econômica. O balanço de riscos passou a ser considerado mais equilibrado, com menor preocupação sobre a persistência da inflação.

Posteriormente, o BoE iniciou o ciclo de cortes ao reduzir a taxa para 3,75%, diante da desaceleração da inflação e da contração da atividade. Apesar disso, a divisão no comitê indicou cautela quanto ao ritmo futuro, sugerindo que novas reduções dependerão da confirmação contínua da desinflação e da evolução do crescimento econômico.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

PIB

No terceiro trimestre de 2025, a economia da Zona do Euro apresentou um desempenho melhor do que o inicialmente esperado, reforçando sinais de resiliência em um contexto de incertezas geopolíticas e comerciais. O PIB do bloco cresceu 0,3% em termos trimestrais, acima da estimativa preliminar de 0,2% e acelerando em relação à expansão de 0,1% observada no segundo trimestre. O avanço foi impulsionado principalmente pela recuperação do investimento fixo, que cresceu 0,9% após forte retração no trimestre anterior, além do aumento dos gastos do governo. A variação de estoques também contribuiu positivamente. Em contrapartida, o consumo das famílias desacelerou levemente e o setor externo exerceu impacto negativo, com importações crescendo mais do que as exportações. Entre as principais economias, Espanha e França lideraram a expansão, enquanto a Alemanha permaneceu estagnada e a Itália registrou crescimento apenas marginal. Em termos anuais, o PIB avançou cerca de 1,4%, ligeiramente abaixo do ritmo do trimestre anterior.

No Reino Unido, o crescimento econômico foi mais fraco. O PIB avançou apenas 0,1% no terceiro trimestre, desacelerando frente aos 0,3% do segundo trimestre e ficando abaixo das expectativas do mercado. O desempenho modesto refletiu principalmente a contração do setor produtivo, em especial da indústria manufatureira, afetada por quedas acentuadas na produção de veículos após um ciberataque relevante. O setor de serviços cresceu de forma limitada, enquanto a construção apresentou avanço modesto. Pela ótica da demanda, houve aumento do consumo das famílias, dos gastos públicos e do investimento empresarial, mas esses ganhos foram parcialmente compensados por ajustes em estoques. Na comparação anual, o PIB britânico cresceu 1,3%, indicando perda de dinamismo em relação ao trimestre anterior.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

Bolsas europeias

No quarto trimestre de 2025, as principais bolsas europeias apresentaram desempenho amplamente positivo, refletindo a combinação de expectativas mais favoráveis para a política monetária, resiliência econômica e rotação de fluxos globais para ativos europeus. O Euro Stoxx 50 manteve trajetória de alta ao longo do período, encerrando o ano em torno de 5.791 pontos e acumulando valorização aproximada de 18% em 2025. O desempenho no trimestre foi sustentado sobretudo pelo setor bancário, com destaque para instituições espanholas, e pelo segmento de luxo francês, beneficiados pela perspectiva de juros mais baixos e pela melhora do apetite ao risco.

O STOXX 600 também teve um quarto trimestre robusto, com alta em torno de 3,1% no período e fechamento próximo de 592 pontos, consolidando o melhor desempenho anual desde 2021. O rali de fim de ano foi impulsionado por expectativas de flexibilização monetária pelo BCE, aumento dos gastos públicos na Alemanha e migração de capital de mercados norte-americanos para a Europa, ainda que o último pregão de dezembro tenha sido marcado por leve correção.

Entre os principais índices nacionais, o DAX alemão destacou-se com alta anual de cerca de 23%, encerrando 2025 em aproximadamente 24.490 pontos. O desempenho foi puxado por empresas do setor de defesa, como a Rheinmetall, mesmo em um contexto de crescimento econômico doméstico estagnado. O CAC 40 francês apresentou alta anual próxima de 10%, sustentada por resultados corporativos expressivos no setor financeiro e industrial, embora tenha ficado atrás de outros mercados europeus. Já no Reino Unido, o FTSE 100 acumulou valorização relevante no ano, enquanto o mercado londrino mostrou sinais de fortalecimento estrutural, com recuperação da atividade de IPOs e bom desempenho do London Stock Exchange Group, apoiado pelo crescimento das áreas de dados e mercados.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - EUROPA

Mercado de Trabalho

Ao longo de 2025, o mercado de trabalho da Zona do Euro apresentou um quadro de relativa estabilidade, com leves oscilações ao longo do segundo semestre. A taxa de desemprego manteve-se em torno de 6,3% entre julho e setembro, em linha com as expectativas de mercado, refletindo um mercado de trabalho resiliente apesar do ambiente econômico global desafiador. Em outubro, o indicador subiu marginalmente para 6,4%, ligeiramente acima do previsto, antes de recuar novamente para 6,3% em novembro, o menor nível desde abril. No agregado, o número de desempregados permaneceu próximo de 11 milhões, com uma redução mais clara no final do período. O desemprego juvenil, embora elevado, mostrou estabilidade relativa, variando entre 14,4% e 14,8%, com leve melhora em novembro. Entre as maiores economias do bloco, Espanha, França e Itália continuaram a registrar taxas de desemprego mais altas, enquanto Alemanha e Holanda se destacaram pelos menores níveis, abaixo de 4%.

No Reino Unido, o mercado de trabalho mostrou sinais mais evidentes de enfraquecimento em 2025. A taxa de desemprego atingiu 5,1% no período de três meses até novembro, permanecendo no nível mais elevado desde 2021. O aumento do número de desempregados refletiu pressões em diferentes durações do desemprego, indicando maior dificuldade de recolocação. Ainda assim, o emprego total avançou moderadamente, impulsionado sobretudo pelo crescimento do emprego assalariado. A taxa de emprego manteve-se estável em 75,1%, enquanto a taxa de inatividade econômica recuou para 20,8%, sugerindo maior participação no mercado de trabalho. Em conjunto, os dados apontam para um mercado de trabalho europeu relativamente resiliente, contrastando com uma desaceleração mais perceptível no Reino Unido.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL CHINA



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - CHINA

Inflação

No quarto trimestre de 2025, a inflação ao consumidor na China apresentou uma trajetória de recuperação gradual, embora permanecendo em níveis baixos no acumulado do ano. Após meses de pressões deflacionárias, os dados indicaram uma inflexão mais clara a partir de outubro, quando o índice de preços ao consumidor (CPI) registrou alta anual de 0,2%, surpreendendo o mercado. Esse movimento refletiu principalmente a aceleração da inflação de itens não alimentícios, impulsionada por programas governamentais de incentivo à troca de bens duráveis e pelo aumento do consumo durante o feriado da Golden Week. A inflação subjacente (núcleo), que exclui alimentos e energia, avançou para 1,2% ao ano, o maior nível em cerca de 20 meses, sinalizando melhora da demanda doméstica.

Em novembro, a inflação ganhou tração adicional, alcançando 0,7% em termos anuais, o maior patamar desde o início de 2024. O destaque foi a alta dos preços de alimentos, que voltaram a crescer após quase um ano de quedas, com recuperação nos preços de vegetais, frutas e desaceleração da queda da carne suína. A inflação não alimentar manteve-se sólida, sustentada pelos estímulos ao consumo, embora os preços de transporte continuassem em queda, refletindo custos energéticos mais baixos.

Em dezembro, o CPI avançou para 0,8% ao ano, o maior nível desde fevereiro de 2023, marcando o terceiro mês consecutivo de inflação positiva. Os alimentos aceleraram para 1,1%, enquanto a inflação subjacente permaneceu estável em 1,2%. Ainda assim, no acumulado de 2025, a inflação chinesa foi praticamente nula, ficando bem abaixo da meta oficial de aproximadamente 2%, evidenciando que, apesar da melhora no final do ano, as pressões inflacionárias seguiram contidas.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - CHINA

Juros

No quarto trimestre de 2025, a política monetária chinesa foi marcada pela manutenção dos juros em níveis historicamente baixos, refletindo a estratégia cautelosa do Banco Popular da China (PBoC) diante de uma recuperação econômica ainda desigual. Ao longo de outubro, novembro e dezembro, a autoridade monetária manteve inalteradas as principais taxas de referência, prolongando por sete meses consecutivos o atual ciclo de estabilidade.

A taxa Loan Prime Rate (LPR) de um ano, utilizada como referência para a maior parte dos empréstimos corporativos e às famílias, permaneceu em 3,0%, enquanto a LPR de cinco anos, base para o crédito imobiliário, seguiu em 3,5%. Ambas haviam sido reduzidas em 10 pontos-base em maio e, desde então, permaneceram inalteradas. Paralelamente, o PBoC manteve a taxa de recompra reversa de sete dias em 1,4%, consolidando-a como o principal instrumento de sinalização da política monetária.

As decisões refletiram um equilíbrio delicado entre estímulo e prudência. Por um lado, indicadores como a desaceleração das vendas no varejo, da produção industrial e a persistente fragilidade do setor imobiliário sugeriam necessidade de apoio adicional. Por outro, a autoridade monetária sinalizou menor urgência para novos estímulos, diante da expectativa de cumprimento da meta de crescimento anual e de sinais moderados de estabilização econômica.

O comportamento do crédito reforçou esse quadro: após forte expansão sazonal dos novos empréstimos em setembro, os dados de outubro a dezembro mostraram demanda mais fraca do que o esperado. Assim, no 4T25, a política de juros na China manteve caráter acomodatório, porém estável, priorizando a observação dos dados antes de eventuais novos ajustes.



Distrito Comercial Central (CBD) de Pequim

CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - CHINA

PIB

A economia chinesa apresentou desempenho misto no quarto trimestre de 2025, combinando uma aceleração do crescimento trimestral com uma desaceleração no ritmo anual. O Produto Interno Bruto (PIB) da China avançou 1,2% em relação ao trimestre anterior, superando as expectativas do mercado, que apontavam expansão de 1,0%, e acelerando frente ao crescimento de 1,1% observado no terceiro trimestre. Esse resultado representa a expansão trimestral mais forte em três trimestres, refletindo o impacto contínuo das políticas de apoio adotadas por Pequim.

No plano anual, entretanto, o crescimento desacelerou para 4,5% em termos anuais, abaixo dos 4,8% registrados no terceiro trimestre e marcando o ritmo mais fraco dos últimos três anos. A perda de tração esteve associada principalmente à desaceleração das vendas no varejo em dezembro, influenciada pela prolongada crise no setor imobiliário e por pressões deflacionárias, apesar da manutenção de subsídios ao consumo. A taxa de desemprego permaneceu estável em 5,1%, enquanto a produção industrial apresentou aceleração.

Do ponto de vista das políticas econômicas, o resultado do trimestre refletiu a combinação de uma postura fiscal proativa e de uma política monetária acomodatória, porém cautelosa. Em dezembro, as lideranças chinesas reafirmaram o compromisso de fortalecer a demanda doméstica e elevar, ao longo dos próximos cinco anos, a participação do consumo das famílias na economia. O Banco Popular da China (PBoC) manteve ampla liquidez, promoveu cortes seletivos nas taxas de crédito e sinalizou possíveis reduções adicionais de compulsórios e juros, evitando estímulos excessivos.

No acumulado de 2025, o PIB cresceu 5%, em linha com a meta oficial e com o resultado de 2024, apoiado por um superávit comercial recorde e pela força das exportações para mercados fora dos Estados Unidos. Ainda assim, as perspectivas para 2026 permanecem desafiadoras, diante do aumento do protecionismo global e das incertezas relacionadas à política econômica dos EUA.



CENÁRIO MACROECONOMICO INTERNACIONAL - CHINA

Mercado Imobiliário

O mercado imobiliário chinês permaneceu sob forte pressão no quarto trimestre de 2025, apesar de sinais pontuais de estabilização em alguns indicadores de atividade. As vendas de imóveis residenciais novos continuaram em terreno negativo, embora tenham apresentado melhora marginal: em novembro, a variação anual foi de -2,4%, após a queda acentuada de -41,9% em outubro. Ainda assim, o desempenho permanece fraco no contexto histórico recente, com a média de crescimento anual das vendas entre 2022 e 2025 em -23,2%, refletindo a profundidade e a persistência do ajuste do setor.

Os preços dos imóveis novos seguiram em trajetória descendente ao longo de todo o trimestre. Em outubro, os preços caíram 2,2% em termos anuais, marcando o 28º mês consecutivo de recuo, movimento que se aprofundou nos meses seguintes. Em novembro, a queda anual acelerou para 2,4%, e em dezembro atingiu 2,7%, o declínio mais intenso em cinco meses e o 30º mês consecutivo de retração. Em termos mensais, os preços recuaram de forma consistente, com quedas de até 0,5%, sinalizando fraqueza persistente da demanda.

As principais cidades continuaram apresentando comportamento heterogêneo. Pequim, Guangzhou, Shenzhen, Chongqing e Tianjin registraram aceleração nas quedas de preços ao longo do trimestre, enquanto Xangai permaneceu como exceção, ainda exibindo alta anual, embora em desaceleração.

Diante desse cenário, Pequim avaliou novas medidas de estímulo, incluindo subsídios hipotecários nacionais, benefícios fiscais e redução dos custos de transação. Caso implementadas, tais iniciativas poderão mitigar parte da fragilidade do setor, que segue afetando a riqueza das famílias, o consumo e a saúde do sistema financeiro.

Bolsa Asiáticas

No quarto trimestre de 2025, as principais bolsas asiáticas apresentaram desempenho positivo, com destaque para China e Japão, impulsionadas por fatores domésticos e globais. Na China, a Bolsa de Xangai encerrou o período consolidando o seu melhor resultado anual desde 2020. O índice Shanghai Composite atingiu 3.968,84 pontos ao final do ano, acumulando alta de 18,41% em 2025. Após um início de trimestre marcado por volatilidade em outubro, o mercado ganhou força em dezembro, quando avançou cerca de 4,4%, sustentado por expectativas de novos estímulos econômicos e pela confirmação do crescimento do PIB em 5%. Setores ligados a metais preciosos e tecnologia, especialmente inteligência artificial, lideraram os ganhos, em meio a volumes recordes de negociação, apesar de maior rigor regulatório no fim do período. No Japão, o Nikkei 225 apresentou um rali expressivo no quarto trimestre, encerrando 2025 em 50.339,48 pontos, superando pela primeira vez o patamar de 50 mil pontos. O índice acumulou alta anual de 26%, apoiado pelo forte desempenho do setor de tecnologia, reformas de governança corporativa e condições monetárias ainda acomodáticas. Apesar da volatilidade em dezembro, associada a decisões de política monetária, o mercado japonês manteve trajetória positiva e atraiu significativo fluxo de capital estrangeiro.

CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL



CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL

PIB

No terceiro trimestre de 2025, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil registrou crescimento de 0,1% em relação ao trimestre anterior, na série com ajuste sazonal, indicando estabilidade da atividade econômica e representando o ritmo mais fraco dos últimos dois anos, desconsiderada a contração observada no quarto trimestre de 2024. O resultado ficou abaixo das expectativas de mercado e refletiu, sobretudo, os efeitos da inflação ainda resistente e do período prolongado de juros reais elevados sobre o consumo privado, que avançou apenas 0,1% no trimestre.

Pela ótica da produção, destacaram-se os desempenhos positivos da Agropecuária (+0,4%) e da Indústria (+0,8%), enquanto o setor de Serviços (+0,1%) permaneceu praticamente estável. Na indústria, houve crescimento nas atividades extrativas, na construção e na indústria de transformação, parcialmente compensado pela retração no segmento de eletricidade e saneamento. Nos serviços, avanços em transporte, informação e comunicação e atividades imobiliárias foram contrabalançados pela queda nas atividades financeiras.

Sob a ótica da demanda, a Despesa de Consumo do Governo cresceu 1,3%, enquanto a Formação Bruta de Capital Fixo avançou 0,9%, sinalizando alguma resiliência do investimento. No setor externo, as exportações cresceram 3,3%, superando amplamente as importações (0,3%). Em relação ao mesmo trimestre de 2024, o PIB avançou 1,8%, impulsionado principalmente pela agropecuária, refletindo safras favoráveis.

Inflação

No quarto trimestre de 2025, a inflação ao consumidor no Brasil apresentou trajetória de desaceleração, encerrando o período em patamar mais baixo e ligeiramente abaixo das expectativas de mercado. Em outubro, a inflação acumulada em 12 meses recuou para 4,68%, refletindo principalmente a desaceleração dos preços de alimentos e bebidas, habitação, artigos domésticos, despesas pessoais e comunicação, além de variação mensal moderada de 0,10%. Em novembro, o movimento de alívio inflacionário se intensificou, com a taxa anual caindo para 4,46%, influenciada pela redução adicional dos preços de alimentos, transportes e despesas pessoais, apesar da aceleração observada no grupo habitação.

Em dezembro, a inflação anual voltou a ceder, atingindo 4,26%, o menor nível desde agosto de 2024, consolidando a tendência de descompressão ao longo do trimestre. Destacou-se a forte desaceleração de alimentos e bebidas, enquanto os principais focos de pressão permaneceram em habitação, educação e saúde e cuidados pessoais. A elevação expressiva das tarifas de energia elétrica, acumulando alta relevante no ano, foi o principal impacto individual sobre o índice. Ainda assim, a inflação mensal de 0,33% manteve-se sob controle, reforçando a percepção de arrefecimento gradual das pressões inflacionárias ao final de 2025.

CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL

Juros

No quarto trimestre de 2025, o Comitê de Política Monetária (Copom) manteve a taxa Selic em 15,0% ao ano nas duas reuniões realizadas no período, em novembro e dezembro, em linha com as expectativas do mercado. As decisões refletiram uma postura cautelosa e contracionista, diante de um ambiente de elevada incerteza, tanto no cenário externo quanto doméstico.

O Banco Central avaliou que, apesar da moderação do crescimento econômico, o mercado de trabalho segue relativamente resiliente e a inflação, embora em desaceleração, permanece acima da meta. As expectativas inflacionárias para 2025 e 2026 continuaram desancoradas, situando-se em torno de 4,4% a 4,5%, enquanto as projeções do Copom indicam convergência apenas em 2027. Entre os riscos altistas, destacaram-se a persistência da inflação de serviços e a possibilidade de depreciação cambial. Já os riscos baixistas incluíram uma desaceleração econômica mais intensa e a queda dos preços das commodities.

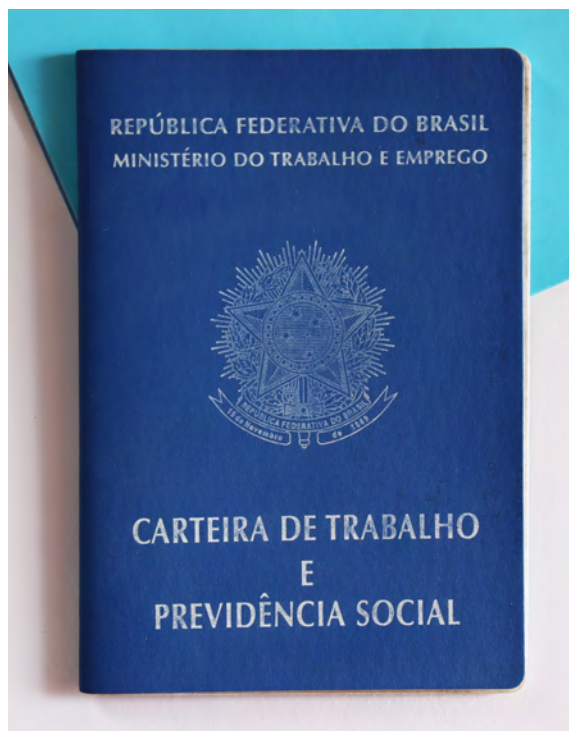


Câmbio

No quarto trimestre de 2025, o mercado cambial brasileiro foi marcado por relativa estabilidade da taxa de câmbio, combinada a fluxo cambial negativo ao longo do período, em um contexto de valorização acumulada do real no ano. Em outubro, o dólar comercial oscilou majoritariamente entre R\$ 5,30 e R\$ 5,40, influenciado por saídas líquidas de recursos financeiros, apesar do desempenho positivo do fluxo comercial. Ainda assim, as projeções do Relatório Focus apontaram leve melhora nas expectativas, com a mediana para o encerramento do ano recuando para R\$ 5,41.

Em novembro, a moeda norte-americana manteve trajetória lateral, variando entre R\$ 5,27 e R\$ 5,39, refletindo a postura cautelosa dos agentes diante do cenário externo e doméstico. Mesmo com o fluxo cambial acumulado negativo, o real seguiu relativamente resiliente, sustentado pelo elevado nível de reservas internacionais, pelo diferencial de juros e pelo enfraquecimento global do dólar. Em dezembro, o fluxo cambial voltou a registrar saída líquida relevante, influenciada por remessas ao exterior e antecipação de dividendos, mas em magnitude inferior à observada no ano anterior. No encerramento de 2025, o dólar recuou para a faixa de R\$ 5,50, consolidando uma desvalorização anual próxima de 11%, após ter iniciado o ano acima de R\$ 6,00.

CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL



Ibovespa

No quarto trimestre de 2025, o Ibovespa apresentou desempenho excepcional, consolidando um dos melhores períodos de sua história. Em outubro, o índice avançou 3,88% e alcançou o recorde de 149.540 pontos, impulsionado por resultados corporativos sólidos e forte desempenho de ações cíclicas. Destaque para Usiminas PNA, que saltou mais de 30%, além de ganhos relevantes em educação, indústria e bancos, enquanto setores como petróleo, saúde e varejo ficaram sob pressão. Em novembro, o Ibovespa acelerou ainda mais, com alta de 6,37%, superando os 159 mil pontos. A inflação abaixo do esperado, o otimismo com cortes de juros em 2026 e o alívio no cenário externo favoreceram ativos sensíveis ao ciclo econômico, como construção, varejo e saúde. Em dezembro, o índice manteve viés positivo, subindo 1,29% no mês e encerrando o ano em 161.125 pontos. O forte ingresso de capital estrangeiro e a migração de recursos para emergentes sustentaram o melhor desempenho anual desde 2016.

Mercado de Trabalho

No trimestre móvel de setembro a novembro de 2025, o mercado de trabalho brasileiro manteve trajetória bastante favorável, com novos recordes de baixa na taxa de desocupação, apesar de sinais iniciais de acomodação. A taxa de desemprego recuou para 5,2% no período encerrado em novembro, o menor nível da série histórica iniciada em 2012, abaixo das expectativas de mercado. O contingente de desocupados caiu para cerca de 5,6 milhões de pessoas, enquanto a população ocupada atingiu aproximadamente 103 milhões, também em patamar recorde.

O avanço do emprego foi sustentado principalmente por setores como construção, administração pública e atividades agropecuárias, ao passo que comércio, serviços domésticos e outros serviços mostraram retração, refletindo uma moderação gradual da atividade econômica. A taxa de subutilização da força de trabalho seguiu em queda, atingindo novo piso histórico, entre 13,5% e 13,9%, indicando redução consistente do desalento e da insuficiência de horas trabalhadas.

A informalidade permaneceu estável, em torno de 37,8% da força de trabalho, enquanto os rendimentos reais médios continuaram avançando, alcançando níveis recordes próximos de R\$ 3.550. Em conjunto, os dados apontam um mercado de trabalho ainda resiliente, mesmo sob política monetária restritiva, com implicações relevantes para inflação e condução da política econômica.

CENÁRIO MACROECONOMICO NACIONAL

Comércio Exterior

No quarto trimestre de 2025, o comércio exterior brasileiro apresentou desempenho robusto, apesar de um ambiente internacional mais tenso. Em outubro, o superávit comercial alcançou US\$ 6,96 bilhões, superando expectativas, impulsionado por forte crescimento das exportações, especialmente dos setores agropecuário e extrativo, enquanto as importações recuaram levemente. O saldo refletiu ganhos expressivos no comércio com China, União Europeia e Argentina, embora o déficit com os Estados Unidos tenha persistido.

Em novembro, o superávit diminuiu para US\$ 5,84 bilhões, resultado de um crescimento mais acelerado das importações, sobretudo de bens manufaturados, em linha com a demanda interna e investimentos produtivos. As exportações continuaram apoiadas pelo agronegócio e pela indústria, mas sofreram impacto negativo da queda nas vendas do setor extrativo e da retração das exportações para os EUA.

Em dezembro, o Brasil registrou superávit recorde de US\$ 9,6 bilhões, o maior já observado para o mês, com exportações atingindo nível histórico. O desempenho anual foi sustentado por volumes recordes de minério de ferro e petróleo, além de forte demanda por carnes, café e bens industriais. Paralelamente, avançaram negociações diplomáticas visando um acordo comercial com os Estados Unidos, em meio a disputas tarifárias, reforçando a importância estratégica do comércio exterior para o crescimento e o equilíbrio macroeconômico do país.



GESTÃO DE INVESTIMENTOS



COMENTÁRIO DA GESTÃO DE INVESTIMENTOS

A meta atuarial para o mês de dezembro foi obtida com sucesso. Com uma inflação de +0,33% para o mês, nossa meta ficou em +0,76%, porém nosso portfólio entregou +0,81%, ampliando ainda mais a margem em relação a meta atuarial do ano. A meta atuarial do ano de 2025 também foi entregue. Neste exercício, nossa obrigação atuarial ficou, em termos nominais, em +9,73%, enquanto o portfólio entregou nominalmente +12,07%, logo, a carteira performou cerca de 124% da meta do período, dando uma margem de +2,34%. Esta é a maior margem dos últimos 6 anos. Em termos reais, nossa meta foi de IPCA+5,24% para este exercício, porém nosso portfólio entregou IPCA+7,49%. Esta performance em termos reais, também é a maior dos últimos 6 anos.

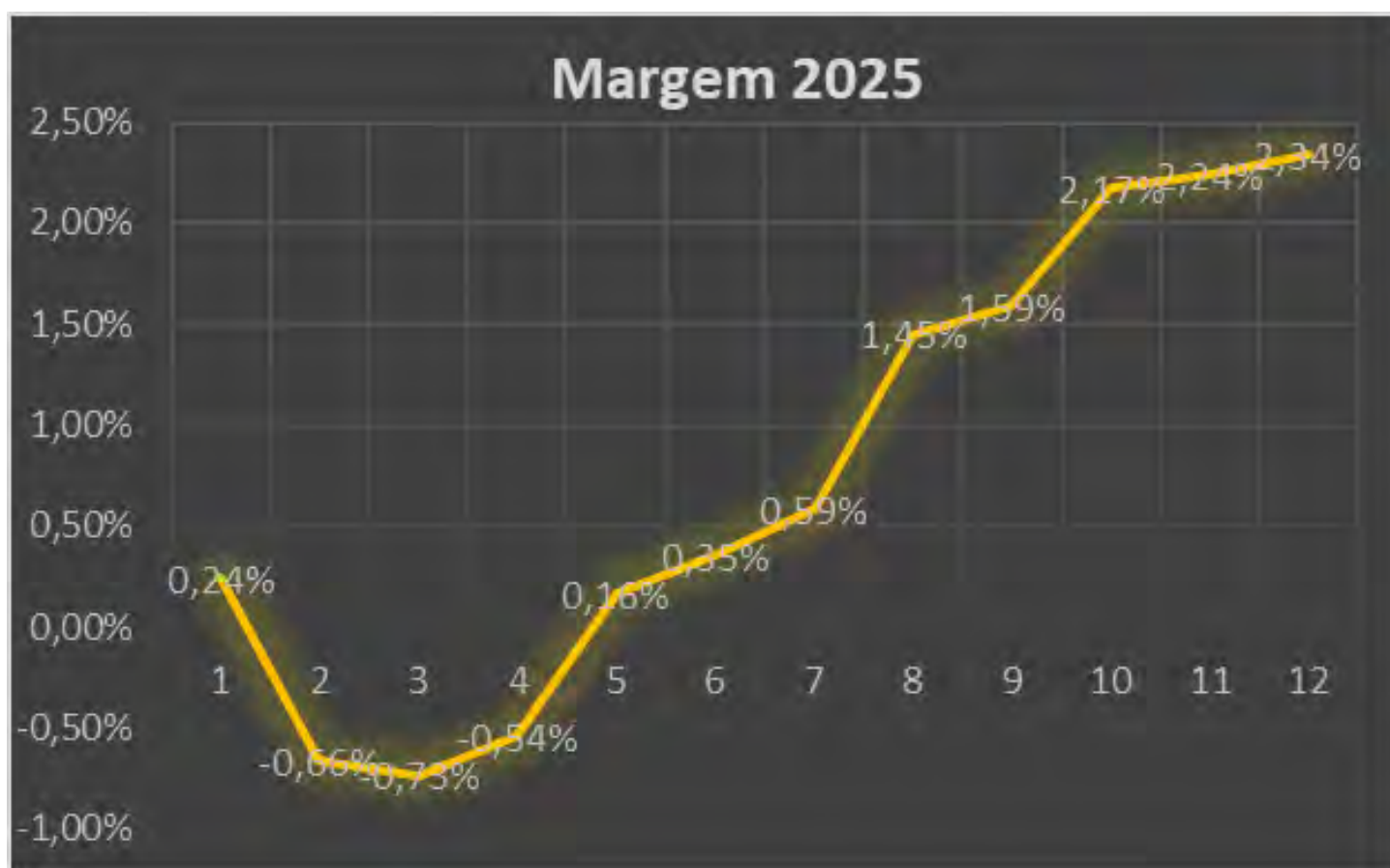


Figura 01 – Evolução da margem no ano de 2025.

O ano de 2025 foi um ano muito positivo para a nossa B3 e para os investidores que alocaram seus recursos de forma mais conservadora no CDI, em contrapartida, ativos correlacionados ao dólar sofreram demasiadamente, pois a moeda americana entregou -11,14% neste ano. Isso se deve a uma política monetária americana mais frouxa e a nossa muito mais austera, pois o nosso banco central seguiu com a taxa básica de juro em patamares bem contracionista. Dado este breve contexto, nosso portfólio entregou os seguintes resultados parciais:

PORTFÓLIO DO IPRESB

Carteira de Renda Fixa (art. 7)

Nossa carteira de TPF fechou o ano correspondendo cerca de 85% de nosso PL, performando +0,81% no mês. Neste 4T25 as NTN-B's com vencimentos em anos pares pagaram para o nosso instituto R\$43.155.996,16 na forma de cupons. O Comitê segue convicto que as NTN-B's são os ativos mais adequados para o nosso portfólio dado o seu risco, possibilidade de marcação na curva, fluxo de cupons trimestral e total aderência ao nosso passivo.

Os fundos do art.7, I, b, que alocam 100% de seu PL em TPF, que representam cerca de 4% de nosso PL como os fundos Trend da XP e BB, todos indexados ao CDI entregaram +1,04%.

O fundo enquadrado no artigo 7, III, a, o fundo TMJ IMA-B RF, que possui risco de crédito misto, representando cerca de 0,04% de todo nosso PL performou +0,18%.

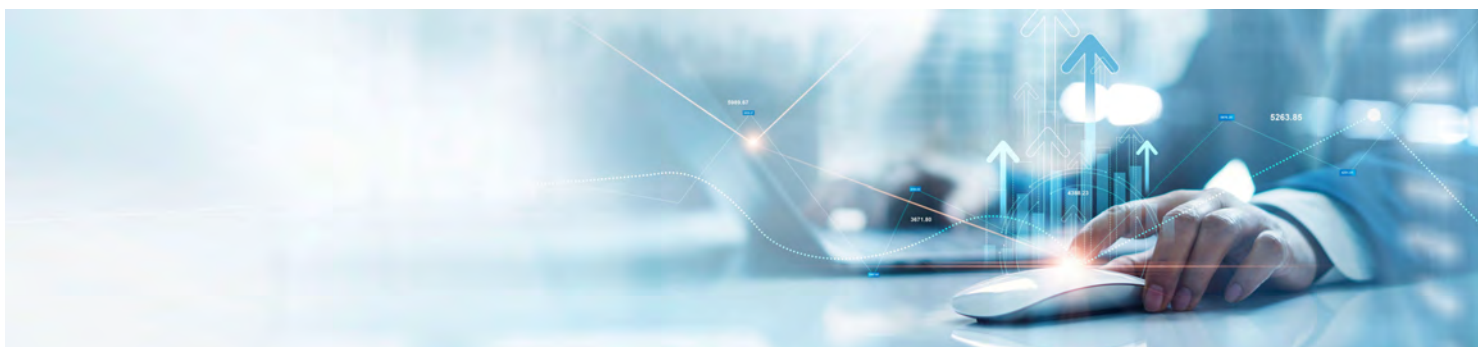
Já os fundos de crédito privado do art.7, V, a, que representam cerca de 0,2% de nossa carteira como os fundos Incentivo Multissetorial II e GGR Prime entregaram este mês +0,53% e -0,53%, respectivamente.

Carteira de Renda Variável (art. 8)

Nossa carteira de fundos de ações é composta por apenas 6 fundos de investimentos. Todos os nossos fundos neste artigo estão enquadrados, e os seus gestores e/ou administradores estão presentes na Lista Exaustiva e, portanto, apesar da volatilidade apresentada por esta parte de nosso portfólio, os fundos são ativos sadios com prestadores de serviços de boa reputação no mercado. E por se tratar de uma carteira de ações, esta categoria não possui o risco de crédito, porém está exposto ao risco de mercado onde a marcação do preço de suas cotas varia ao sabor dos ventos da macroeconomia. Dado o contexto descrito acima, neste mês a carteira de ações que corresponde cerca de 3% de nosso PL entregou -1,93%.

Carteira de Investimentos no Exterior (art. 9)

Os ativos de renda variável global de nosso portfólio com uma representatividade com cerca de 2,3% de nosso PL alocados em 9, II e 9, III com uma correlação inversa ao nosso Real entregaram +5,21% e +3,19%, respectivamente.



PORTFÓLIO DO IPRESB

Carteira de Fundos Estruturados (art. 10)

A carteira de fundos multimercados que representa cerca de 2,6% de nosso PL, nos puxou para baixo em +3,09%. Já os fundos de participação (Art.10, II), que representam cerca de 1,2% de nosso portfólio performaram +0,06% neste mês.

Carteira de Investimentos Imobiliário (art. 11)

Os fundos de investimentos imobiliários que representam cerca de 0,7% de todo nosso portfólio entregaram +0,35%.

Fechamento do Portfólio

Desta forma, a performance para o último mês ficou em **+0,81%**, acumulando uma rentabilidade no semestre de +12,07% e fechando com um patrimônio líquido de **R\$ 4.264.368.875,78**.



Relatório Analítico

Retorno e Meta Atuarial - DEZEMBRO 2025

Enquadramento da Resolução CMN nº 4.963/21		Enquadramento	% da Carteira	Limites da Política - DPIN < MIN ; ALVO ; MAX>		% da Carteira	
Títulos Públicos Federais		Art. 7º, I, a	83,12%	< 50% ; 70% ; 95% >			■ Títulos Públicos Federais ■ Fundo RF - 100% Tit do Tesouro Nacional ■ Fundo RF - Geral ■ Fundo RF - FIDC - Direitos Creditórios ■ Fundo RV - Ações Geral ■ Fundo RV - Invest no Exterior - FI no Exterior ■ Fundo RV - Invest no Exterior - FI BDR NIVEL I ■ Fundo RV - Multimercado ■ Fundo RV - FIP - Participações ■ Fundo RV - FI - Imobiliário
Fundo RF - 100% Tit do Tesouro Nacional		Art 7º, I, "b"	5,84%	< 1% ; 5% ; 25% >			
Fundo RF - Geral		Art. 7º III, a	1,02%	< 0% ; 3% ; 20% >			
Fundo RF - FIDC - Direitos Creditórios		Art. 7º, V, a	0,18%	< 0% ; 1% ; 2% >			
Fundo RV - Ações Geral		Art. 8º, I	2,50%	< 0% ; 3% ; 15% >			
Fundo RV - Invest no Exterior - FI no Exterior		Art. 9º, II	3,01%	< 0% ; 3% ; 10% >			
Fundo RV - Invest no Exterior - FI BDR NIVEL I		Art. 9º, III	0,93%	< 0% ; 3% ; 10% >			
Fundo RV - Multimercado		Art. 10º, I	1,56%	< 0% ; 8% ; 15% >			
Fundo RV - FIP - Participações		Art. 10º, II	1,36%	< 0% ; 2% ; 8% >			
Fundo RV - FI - Imobiliário		Art. 11º	0,49%	< 0% ; 1% ; 5% >			
ACOMPANHAMENTO DE RECURSOS NO ANO							
Período	Recursos	Contribuições	Pagamento de Benefícios	Comprev	Rentabilidade Mensal	Crescimento P.L. - (mensal)	Rend Médio Trimestral
Janeiro	R\$ 3.668.001.792,07	R\$ 33.778.542,65	R\$ 22.322.068,20	R\$ 2.504.586,71	R\$ 30.188.274,55	1,18%	
Fevereiro							
Março							
Abril							
Maio							
Junho							
Julho							
Agosto							
Setembro							
Outubro							
Novembro							
Dezembro							
DESEMPENHO E INDICADORES							
MÊS	IPCA		IPCA+5,24% a.a. (ACUMULADO)		DESEMPENHO DO PORTFÓLIO		
	MENSAL	ACUMULADO	MENSAL	ACUMULADO	RENDIMENTO MENSAL	ACUMULADO	RENTAB. MÉDIA
Janeiro	0,16%	0,16%	0,59%	0,59%	0,83%	0,83%	0,83%
Fevereiro							
Março							
Abril							
Maio							
Junho							
Julho							
Agosto							
Setembro							
Outubro							
Novembro							
Dezembro							
INDICADORES DE REFERÊNCIA							
		INDICADOR	MÊS	ACUMULADO			
		IBOVESPA	4,86%	4,86%			
		CDI	1,01%	1,01%			
		DOLAR	-5,85%	-5,85%			
		IPCA	0,16%	0,16%			
Evolução							
RESUMO DAS INFORMAÇÕES							
RECURSO NO INICIO DO EXERCICIO.		R\$	3.625.307.593,31		Este relatório visa dar publicidade à Carteira de Investimentos do IPRESB, contendo as informações do mês. A partir do mês 06/2022, iremos utilizar as APR's , sobre as movimentações dos fundos, emitidas pelo sistema do CADPREV. O Instituto possui contrato com a empresa Nelogica Sistemas de Software Ltda, CNPJ 05.898.757/0002-49 pelo período de 14/12/2024 a 13/12/2025, Valor: R\$ 1.359,81 mensal. Processo: nº 049/2024 contrato 21/2023. Valor referente ao COMPREV consta Regime Geral/Municipais e Estaduais e juros quando houver. Os Fundos: 155 - SCHRODER SUSTENTABILIDADE AÇÕES GLOBAIS FIC FIA IE e o 156 - GENIAL MS US GROWTH FIC FIA IE foram efetuados o resgate mas por motivo da carencia de resgate os mesmos somente foram creditado na C/C. no dia 02/01 e 03/01/2025 respectivamente.		
TOTAL DE RECURSOS INVESTIDOS + SALDO EM CONTA CORRENTE		R\$	3.668.001.792,37				
TOTAL DAS CONTRIBUIÇÕES		R\$	33.778.542,65				
TOTAL DE RENDIMENTOS		R\$	30.188.274,55				
VARIAÇÃO DO P.L.			1,18%				
META ATUARIAL ACUMULADA (IPCA + 5,24% a.a)			0,59%				
RENDIMENTO DA CARTEIRA DE INVESTIMENTOS EM % ACUMULADO			0,83%				
CUMPRIMENTO DA META ATUARIAL NO PERÍODO			142%				

INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO



INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

O Comitê segue com um manejo mais conservador buscando alocar majoritariamente em títulos públicos federais enquadrados no art. 7, I, a da Resolução do Conselho Monetário Nacional 4.963/21.



Figura 02 – Distribuição dos recursos garantidores por segmento da 4.963/21.

INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

Seguimos como o nosso principal parceiro o Tesouro Nacional além de bancos e Asset's de grande reputação sendo os maiores distribuidores de ativos no universo dos RPPS.

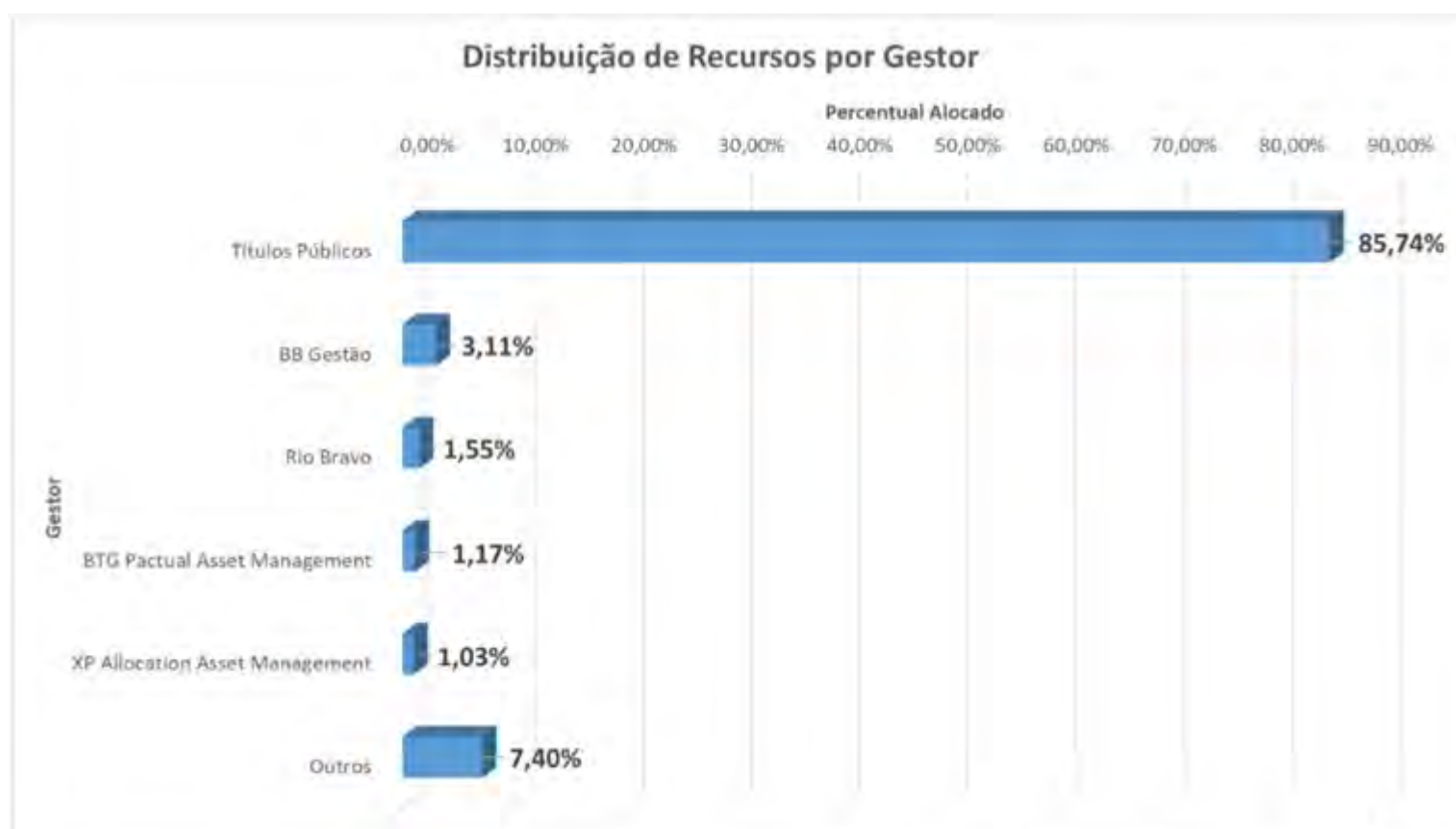


Figura 03 – Distribuição dos recursos garantidores por gestores.

INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

A nossa principal estratégia segue sendo o “IPCA+” estratégia que está fortemente correlacionada ao nosso passivo. Neste ano, pela primeira vez neste instituto, nossa carteira de TPF está acima do IPCA+6% ao ano. Nossas NTN-B's estão com uma taxa média ponderada de IPCA+6,40% ao ano. Frente a uma meta atuarial para 2026 de IPCA+5,80% ao ano.



Figura 04 – Distribuição dos recursos garantidores por estratégia.

INFORMAÇÕES DE NOSSO PORTFÓLIO

Risco do portfólio

O risco de nosso portfólio que é medido pelo VaR segue baixo e controlado. O Value at Risk amplamente utilizado e prevista em nossa Política de Investimentos quantifica a maior perda esperada para um horizonte de 252 dias úteis em um intervalo de 95% de confiança em condições normais de mercado. Trata-se de uma métrica de risco de natureza estocástica que mede o risco de mercado do tipo paramétrico. Iniciaremos o próximo trimestre com um VaR = 1,54%.



Figura 05 – Curva de risco do portfólio nos últimos anos.